

SAVIANI, Dermeval. Escola e Democracia. 4. Ed. Cortez, Autores Associados, 1984 (Coleção Polêmicas do Nosso Tempo)

\_\_\_\_\_. História das Ideias Pedagógicas no Brasil. — 3. Ed. Rev. Campinas, SP: Autores Associados, 2010. — (Coleção Memória da Educação)

SILVA, Clóvis Pereira da. A Matemática no Brasil: uma história do seu desenvolvimento. 2ª edição. 1999. Ed. Unisinos. Disponível em: <<http://www.accefyn.org.co/PubliAcad/Clovis/Clovispdf/3.pdf>> Acesso em 21/03/2012.

## AUTORETRATO DO SONHADOR

*Robério Augusto Leal Sacramento*

Universidade Federal do Ceará  
E-mail: roberiosacramento@gmail.com

### Introdução

A juventude é uma categoria social de difícil definição por parte das ciências sociais (Grosso, 2000). Ela se afigura como uma construção moderna, sendo constituída a partir de transformações ocorridas nas relações de produção material e simbólicas da sociedade ocidental, tais como a preparação para o trabalho, novos sentidos na compreensão dos ciclos de vida e a introjeção dos papéis sociais ligados à maturidade.

Desde o século passado ela tem sido enfatizada em análises feitas por ciências como a sociologia, a psicologia e a educação por mostrar-se em profundo conflito com a realidade social decorrente das grandes mudanças ocorridas no mundo do trabalho, da educação e da sociabilidade contemporâneos.

Algumas instituições sociais, como o estado e a escola afirmaram a necessidade de se atuar junto aos jovens e construíram formas diversificadas de conceber esse período da vida humana. Após uma série de mudanças nas maneiras de representar a juventude e de se estabelecer práticas educativas para conduzi-la a normatividade social surgem as políticas públicas voltadas para este segmento.

No Brasil, as políticas públicas destinadas à juventude são recentes. Datam do início da década de 1990 e foram erigidas a partir da necessidade de lidar com crianças e adolescentes em situação de risco e vulnerabilidade social.

O Projeto Agente Jovem de Desenvolvimento Social e Humano é um dos projetos surgidos nesse período. O Agente Jovem surgiu como uma forma de lidar com o tempo livre de jovens de bairros com baixo índice de desenvolvimento humano, fortalecer vínculos com a família, a escola e a comunidade.

Tivemos como objeto de estudo os relatos biográficos do grupo de adolescentes da unidade do bairro Presidente Kennedy em Fortaleza durante as atividades do Projeto Agente Jovem no ano de 2007. A presença da memória e de recursos de natureza biográfica como projetos de vida, memoriais e histórias vida foram elementos marcantes da pedagogia do Agente Jovem. As narrativas de caráter biográfico utilizadas pautaram-se na utilização da memória como um dos conceitos norteadores das atividades, buscando construir um conhecimento da realidade individual e coletiva dos adolescentes e colaborar para a constituição de identidades individuais e comunitárias.

O ápice dessa trajetória se confirmaria com a elaboração de um projeto de vida por parte dos jovens ao fim das atividades do Agente Jovem. Esse exercício nos pareceu instigante por reunir todos os conhecimentos adquiridos nas capacitações teóricas desenvolvidas no Agente Jovem, ao longo do ano de 2007, e por poder suscitar mudanças nas idéias e comportamentos desses jovens.

A elaboração dos projetos de vida envolve a reflexão sobre o tempo, as vivências antes, durante e ao findar do Agente Jovem. Toda essa articulação ensaja uma atividade mnemônica e, ao mesmo tempo uma projeção, uma reconfiguração de si, que leva os jovens a narrarem suas vidas e vislumbrarem o futuro. O ato de refazer o passado se afigura então como um movimento em busca do sentido de ser.

A partir das capacitações e convivência mensal fomos levados a compartilhar com os jovens suas impressões acerca dos processos que ele tem participado e entramos em contato com suas lembranças e sonhos. Ouvimos suas histórias e sentimos o transcorrer do tempo. Os relatos nos instigaram a refletir sobre várias questões: qual o papel da escola em suas vidas? Que vínculos mantêm com o bairro onde moram e com as pessoas da comunidade? Como compreendem esse momento de suas vidas e o que imaginam para o futuro? Que representações sociais de família, sexualidade, política, educação e trabalho incorporam?

A utilização das narrativas biográficas dos jovens nos pareceu adequada para compreender a formação das representações sobre o mundo e sobre eles mesmos, suas trajetórias de vida, seus sonhos, seus medos e as trocas realizadas entre saberes e práticas pedagógicas presentes no projeto.

As histórias de vida têm emergido com um paradigma bastante em voga nas análises das ciências humanas. Para Marie-Christine Josso (JOSSO, 1999, pg.13):

*O fascínio com relação à perspectiva biográfica parece inseparável da reabilitação progressiva do sujeito e*

do ator, e essa reabilitação pode ser interpretada como um retorno estabilizador após a hegemonia do modelo de causalidade das concepções funcionalistas, marxistas e estruturalistas do indivíduo até o fim dos anos setenta.

Os quadros sociais da memória foram explicitados por Halbwachs (1925), buscando entender as alterações na percepção, na consciência e na memória individuais. Para o autor há uma impossibilidade de se rever o passado tal como ele ocorreu. O ato de evocar é sempre uma construção do indivíduo e este processo tem como pano de fundo as memórias coletivas dos grupos aos quais os indivíduos pertencem.

No entanto, faz-se necessário atentar para a interseção entre coletivo e individual, enquanto possibilidades de compreensão das atividades mnemônicas. Nessa perspectiva interessa o que os entrevistados lembram, mas também seus esquecimentos, seus lapsos, seus silêncios diante dos relatos sobre o passado.

O diálogo com esses autores se deu enquanto busca de compreensão do processo narrativo dos jovens, das resistências ao presente e a novas experiências, mas também como ponto de partida para a compreensão da sociabilidade que está imbricada nas lembranças juvenis.

Utilizamos concomitantemente outras fontes para a compreensão das representações construídas pelos adolescentes, tais como fontes textuais, incluindo memoriais, relatos autobiográficos e recursos iconográficos como desenhos feitos pelos jovens durante as atividades do projeto.

As atividades de cunho autobiográfico e o uso de histórias de vida foram recursos presentes nas práticas desenvolvidas no Agente Jovem. Através de memoriais os adolescentes relataram suas vidas buscando aprofundar e fortalecer suas identidades. Histórias de vida também foram utilizadas para construir um mapa de imagens e representações da comunidade (Mire)<sup>1</sup>. A memória era reafirmada através de uma prática que previa a escolha de componentes do grupo para registrar e lembrar as atividades realizadas e os acontecimentos ocorridos diariamente.

Entrevistamos cinco participantes do projeto: José, Morgana, Gorete, Simone e Carla<sup>2</sup>. O principal critério de escolha foi ter participado de todas as atividades do Agente Jovem, desde o início até o fim do projeto. Os outros critérios que nortearam a escolha foram: sexo ou orientação sexual, credo religioso, condição civil dos pais, pertença a grupos culturais ou esportivos. Tais critérios nos pareceram fornecer uma variedade de práticas e visões de mundo, caracterizando diferentes modos de constituição de ser jovem.

Os jovens foram estimulados a escrever e representar suas vidas através de relatos autobiográficos e registros iconográficos, como desenhos, pinturas e colagens. Buscando

<sup>1</sup> O Mire, mapa de imagens e representações comunitárias é um recurso pedagógico criado por educadores da FUNCI visando mapear a realidade comunitária dos bairros de Fortaleza. Através do conhecimento das histórias de vida dos moradores das comunidades, os jovens poderiam construir um mapa onde se revelam potencialidades locais e se desenha a identidade do bairro.

<sup>2</sup> Os nomes dos jovens são fictícios. Alguns relatos são delicados e envolvem nomes de pessoas da comunidade. Além disso, trata-se de jovens menores de idade. Preferimos manter nomes fictícios em caso de publicações posteriores sobre a pesquisa.

construir o Mire, eles colhem relatos e histórias de vida de moradores do bairro. Em seguida, tomam conhecimento de um recurso novo para eles até então: o projeto de vida. Uma das primeiras dinâmicas utilizadas consiste em escrever uma carta para alguém (um amigo, um parente). Na carta, o jovem projetaria sua vida, sugerindo uma situação que ele gostaria de viver: sua profissão, onde estaria morando, seu estado civil e relataria suas dificuldades e o processo que engendrou para a construção de sua vida. O projeto de vida surge como uma ferramenta pedagógica desafiadora, pois lança o indivíduo no turbilhão que envolve as noções de presente, passado e futuro.

Quem são os agentes jovens? A memória individual se manifesta não como algo ocasional, e sim como exercício de construção do passado. José evoca seu passado de forma vívida e emocionante, enfatizando que esse exercício faz parte de sua trajetória familiar:

*Todo dia a minha mãe me lembra... Quase todo dia, ela conversa com os outros, contando a vida dela.*

Seu passado é repleto de mudanças de domicílio, pela pobreza e discriminação. Nasceu no centro de Fortaleza, passou por dificuldades materiais e frequentou várias escolas. Ele considera sua infância dura, marcada pela alimentação escassa e pelos vários trabalhos de sua mãe. Indagado sobre os pais ele responde não saber idades e nomes com certeza:

*Eu nasci no ano 90, 1990, o mês é outubro, dia 05 de outubro... A idade da minha mãe é trinta e seis, e o nome dela é Joana D'arc. O meu pai, sei lá, como é o*

*nome daquele desgraçado... Sei não, só o primeiro: Emanuel. Nunca vi ele, só o meu vô, que queria me levar pra morar com ele e minha mãe não deixou não.*

José reage irreverentemente ao falar de seu pai, buscando uma forma de lidar com a ausência da figura paterna em sua vida. Apesar de não tê-lo conhecido, José narra com riqueza de detalhes um evento importante em suas memórias: o dia em que seu pai assassinou um homem.

Ele vendia pipoca, nos forrós ali da Barra né? Pipoca, chiclete, bombom... Aí pegou, um cara foi pedir um real a ele, aí ele disse: “não, não vou tirar da barriga dos meus filhos porque não tem só eu de filho. Não vou tirar da barriga dos meus filhos pra dar pra tu usar droga”. Aí, o cara pegou um pau bem grossão e tacou nele, nas costas dele, e uma na cabeça, quando tacou, ele desmaiou. Aí quando ele se levantou, esse cara tava querendo roubar ele. Ele se levantou, pegou o pau e tacou umas cinco pauladas na cabeça desse cara, só aqui na nuca, aí matou ele, a mãe disse.

Através da narrativa de José podemos ver o poder da memória em sua vida, principalmente devido a sua mãe, sempre pronta a evocar a trajetória de sua família. O homicídio realizado por seu pai não foi presenciado por ele, mas é evocado por seus parentes e amigos.

Esse é um fenômeno recorrente quando buscamos compreender como o passado é interpretado por muitos grupos, pois “fazemos apelo aos testemunhos para fortalecer ou debilitar, mas também para completar, o que sabemos de um evento do qual já estamos informados de alguma forma,

embora muitas circunstâncias nos permaneçam obscuras” (HALBWACHS, 1990, pg. 25).

As lembranças de família nas narrativas dos agentes jovens atuam como norteadoras de sentidos constantemente enfatizados e possuem uma função pedagógica: traçar a trajetória dos pais e mostrar aos filhos que os tempos são outros e eles devem aproveitar as oportunidades, pois as vidas dos pais trazem marcas que é preciso ser lembradas, mas também experiências a serem evitadas.

Morgana nos conta suas conversas com os pais, a lembrança do passado familiar. Nesse momento seu tom é sério. Ela se concentra para exprimir algo que parece rondá-la e se apresenta como um aviso.

Converso com a minha mãe. Meu pai, eu não chego a conversar, ele mesmo me dá “os toque”, chega logo falando que tem que estudar, que ele quer pra mim e pra minha irmã o que ele não teve, porque ele trabalhava desde jovem e sempre foi explorado, o pai dele abandonou ele... minha mãe não, minha mãe teve tudo o que ela sempre quis. Meu vô morreu, pai da minha mãe, mas aí já deixou ela amparada. Minha vó recebe a pensão, sempre teve como criar. Meu pai não, eu... meu vô, não conheci nenhum dos meus “vôres”, mas aí eles... meu pai não, ele nunca foi amparado, minha vó sempre mandava ele vender verdura, vender peixe, essas coisas assim, aí ele disse que o que ele quer pra nós não é o que ele teve, porque ele disse que não pôde estudar, sempre foi explorado, apanhava se não vendesse, sempre teve essas coisas...

Dentre as singularidades que caracterizam as várias trajetórias biográficas podemos perceber a multiplicidade das perspectivas e as diferenças marcantes que acompanham as vidas em desenvolvimento. Os agentes jovens do bairro Presidente Kennedy partilham entre si as várias dificuldades que afetam os jovens das periferias dos grandes centros urbanos. Porém, as diferenças se apresentam dentro de quadros sociais que oferecem múltiplos caminhos. Carleane nos conta um pouco de sua infância:

Eu nasci aqui, aí fui embora com três “ano” pra lá, pra Jurema. Aí de lá eu fui morar lá no Maracanaú, passei só quatro meses lá. Aí voltei pra cá de novo, pro Presidente Kennedy (...). Eu fui, nós fomos embora pra lá porque minha mãe se casou com meu pai, aí tinha uma casa lá, que já era a casa né, pra morar lá. Aí já minha mãe não tava mais gostando de lá, e meu pai também tem uma casa lá no Maracanaú. Aí a casa lá é grande, já tava toda ajeitada e tudo, e o pai já queria sair de lá, foi na época que ele saiu do emprego, aí ele queria sair de lá, porque parece que ele ia trabalhar lá, aí nós fomos morar no Maracanaú, só que minha mãe não gostou de lá. Aí ela já tinha vendido a casa de lá da Jurema, ela vendeu, aí nós viemos morar aqui.

Gorete é a filha intermediária de uma família de três filhos. Nasceu no Maranhão e veio morar em Fortaleza quando criança. Diferentemente dos outros entrevistados, ela mora em outro bairro: Quintino Cunha. Ela evoca suas lembranças:

Meu pai ele é de Fortaleza, de Caucaia, pra ser mais exata. Minha mãe é do Maranhão. Eu sou do Mara-

nhão, mas os meus dois irmãos eles são daqui de Fortaleza. Eu nasci lá e vim pequenininha pra cá. Minha mãe ela fez até a 8º, o meu pai ele terminou o ensino médio. Minha mãe, ela é doméstica, ela trabalha em casa mesmo, e o meu pai é metalúrgico.

Em sua narrativa a presença da mãe vem à tona como responsável pela rememoração da trajetória familiar, atrelada ao presente, porém visto de forma diferenciada pelos filhos:

Ela fala muito da vida dela, que ela teve as condições que ela tem hoje, que ela não teve as oportunidades que ela tem... Aí, fala que a gente é privilegiado por ter o pai que ajude, que ela não teve, essas coisas...

Nossa atenção às narrativas dos agentes jovens não se deu em busca de uma linearidade temporal ou de uma noção preconcebida do que seria a juventude. Na contramão das perspectivas recorrentes o que buscamos foram os deslizos e interstícios dos percursos biográficos.

Morgana se impacienta diante da possibilidade de refazer um percurso de volta aos dias de infância. Ela parece estar acostumada com essa agitação. Assim como os outros, ela age de forma evasiva quando indagada sobre determinados assuntos. Sensibiliza-se com outros. Nossa conversa é marcada pela sua irreverência e por constantes piadas sobre passagens de sua vida:

O que eu lembro é que eu gostava de ficar no meio da rua brincando, que eu me recordo eu era mais estudiosa, agora eu não sou, que eu... Ah, sei lá... Aí, não sei o que foi que houve. Acho que foi “macumba” que

jogaram...Que eu fiquei burra! Não sei o que foi que houve... (risos).

Assim como Gorete ela é a segunda filha de um casamento que trouxe mais dois irmãos. Sua mãe estudou até a oitava série e seu pai terminou o ensino médio. Tendo morado no bairro do Presidente Kennedy desde seu nascimento, ela lembra que sempre foi obediente. Ou quase... A partir daí ela nos conta sua trajetória escolar e pessoal:

Eu sempre fui uma filha meio obediente, meio que não. Obedecendo em algumas coisas e em outras não. As coisas que é boa, que é prejudicial, minha mãe fala pra eu não fazer, mas mesmo assim a gente faz, teima um pouquinho. É só isso mesmo... Comecei num colégio particular, depois fui pro Arco-Íris, aí no outro ano fui pro “nas costas” pro Branca de Neve, que era o Branca de Neve; aí depois fui pro São José, aí do José eu fui pro Hermínio, estudei quatro anos no Hermínio, aí eu repeti a 6º série... Hermínio Barroso, lá no Parque Rio Branco. Aí depois eu fui lá pra esse aí do “fórum”, tô lá.

Morgana nos conta suas conversas com os pais, a lembrança do passado familiar. Nesse momento seu tom é sério. Ela se concentra para exprimir algo que parece rondá-la e se apresenta como um aviso.

Converso com a minha mãe. Meu pai, eu não chego a conversar, ele mesmo me dá “os toque”, chega logo falando que tem que estudar, que ele quer pra mim e pra minha irmã o que ele não teve, porque ele trabalhava desde jovem e sempre foi explorado, o pai dele

abandonou ele... minha mãe não, minha mãe teve tudo o que ela sempre quis. Meu vô morreu, pai da minha mãe, mas aí já deixou ela amparada. Minha vó recebe a pensão, sempre teve como criar. Meu pai não, eu... meu vô, não conheci nenhum dos meus “vôres”, mas aí eles... meu pai não, ele nunca foi amparado, minha vó sempre mandava ele vender verdura, vender peixe, essas coisas assim, aí ele disse que o que ele quer pra nós não é o que ele teve, porque ele disse que não pôde estudar, sempre foi explorado, apanhava se não vendesse, sempre teve essas coisas...

Narrar a própria vida é um exercício de auto-interpretação, abrindo-se a possibilidade de se perceber a intersubjetividade que aproxima os sujeitos na produção das textualidades de suas vidas. Segundo Larrosa, “quem somos para nós e para os outros depende de como nos narramos”. (LARROSA, 2004, p.13). Nossas histórias se constroem no interior de práticas sociais mais ou menos institucionalizadas. Tanto a construção como o significado de um texto é impensável fora de suas relações com outros textos.

As narrativas têm o poder de reatualizar o passado, tornando-o pleno de significados e evitando o esquecimento, inibidor de sentidos de nossa existência: “a narrativa contém em si força ímpar, visto ser também instrumento de retenção do passado e, por conseqüência, suporte do poder do olhar e das vozes da memória” (DELGADO, 2006, p. 44).

A vida é em sua essência tempo (LARROSA, 2004). A temporalidade que envolve a juventude é marcada pela elasticidade diante de um futuro ainda longínquo e por um passado

pouco enfatizado. As narrativas dos agentes jovens nos fazem perceber a afirmação do presente e a desconfiança quanto ao futuro.

A utilização da memória como recurso pedagógico nos põe a refletir sobre a preparação do futuro em consonância com o passado. A trajetória individual passa a ser vista como fonte de elucidação de dilemas presentes, já que o indivíduo é visto em sua inteireza, e não de uma forma categoricamente separada dos tempos da vida e da cultura.

A formação posta como objeto teórico de investigação, vista a partir de quem aprende, traz consigo uma série de conceitos descritivos, tais como processo, temporalidade, experiência, aprendizagem, subjetividade (JOSSO, 2004). A abordagem biográfica é um meio de se observar situações educativas, através de representações do saber-fazer e de compreensão de si mesmo. Uma experiência pode ser dita transformadora quando tais habilidades se fundem a conhecimentos, funcionalidades, técnicas, valores.

Buscar nas narrativas de formação os meios para a compreensão das mudanças ocorridas em um indivíduo envolve a utilização de referências em suas recordações, a articulação entre atividade, sensibilidade e ideiação. As experiências formadoras apontam para mudanças de atitudes e sentimentos que caracterizam subjetividades.

Ao findarmos as entrevistas sentíamos certo desencanto diante das respostas dos agentes jovens quanto à importância de terem participado do projeto. A impressão de que os agentes jovens estavam sendo superficiais nos conduziu a

um questionamento da efetividade dessa prática pedagógica. Diante daqueles relatos passamos a acreditar que a experiência não estava completa, pois os jovens pareciam distantes e alheios às finalidades do projeto: colaborar com a preparação para a cidadania e para a participação social. Chegamos a cair na tentação de não reconhecê-los como protagonistas.

Quando eles evocavam seus passados havia um estranhamento inicial frente às recordações e fatos que eles buscavam para atribuir sentido às suas trajetórias. Mas tão logo refaziam o caminho das lembranças havia uma alteração na forma de conversar, e tudo passava a ser um desafio. Mas diante do presente e do futuro eles se escusavam de refletir mais profundamente.

Nossa leitura dos relatos mudou ao percebermos o poder da articulação presente em suas falas, mesmo que talhadas de forma tortuosa devido aos seus vocabulários peculiares. As memórias destes jovens são marcadas pelas experiências muitas vezes dolorosas dos lares desfeitos, dos desencontros familiares, da precariedade da existência cotidiana, marcada pelas necessidades financeiras. São memórias que desvelam uma diversidade de perspectivas que nos servem para situar cada indivíduo dentro de um caminho singular, mas que também nos fazem perceber o quanto elas devem às situações concretas, fundadoras de representações, de valores, de práticas que são essenciais na formação destas personalidades.

Ao analisarmos os relatos biográficos dos agentes jovens percebemos a inexorável insegurança diante do futuro e de todas as escolhas que ele apresenta aos indivíduos. A tem-

poralidade surge como elemento constitutivo de suas identidades abertas e representadas pela imagem da transição. Mas o que se afirma a partir das falas de cada um dos agentes jovens são as sutilezas de seres amáveis, divertidos e capazes de nos levar a refletir sobre os valores e as imagens que se costumam associar a juventude e, principalmente aos jovens das classes populares.

Percebemos o papel fundamental do passado como fonte geradora de ensinamentos e orientação para os caminhos que esses jovens irão traçar em seus projetos de vida. Compreendemos o quanto estão presentes, ainda que de forma velada os resquícios que os prendem a infância.

### Referências

- DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. *História Oral* — memória, tempo, identidades. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.
- GROPPO, Luís Antônio. *Juventude: ensaios sobre sociologia e história das juventudes modernas*. Rio de Janeiro: DIFEL, 2000.
- HALBWACHS, Maurice. *A Memória Coletiva*. São Paulo: Vértice, Editora Revista dos Tribunais, 1990.
- JOSSO, Marie-Christine. *Experiências de vida e formação*. São Paulo: Cortez, 2004.
- \_\_\_\_\_. *História de Vida e projeto: A história de vida como projeto e as “histórias de vida” a serviço de projetos in: Revis-*



ta Educação e Pesquisa. São Paulo, v.25, n.2 jul./dez. 1999.

LARROSA, Jorge. *Notas sobre narrativa e identidade* in: ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto (org.). *A Aventura (auto) biográfica: teoria e empiria*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

## BESOURO NA MEMÓRIA DO CAPOEIRA: FANTASIA E NEGAÇÃO

*José Olímpio Ferreira Neto*

Bacharel em Filosofia — UECE, Professor de Capoeira, Licenciado em Biologia, Especialista em Educação. Acadêmico de Direito — UNIFOR  
E-mail: jolimpioneto@hotmail.com

### Introdução

Manuel Henrique Pereira, conhecido pela alcunha de Besouro, vive nas rodas de capoeira. Morto ainda jovem<sup>1</sup>, seu nome foi imortalizado, nas memórias dos capoeiristas, assim como os heróis homéricos foram imortalizados na história ocidental. Sua história é a história da incrível odisséia do negro africano em *Terras brasilis*. Hoje, seu nome é lembrado em todas as rodas espalhadas pelo mundo.

A partir do pensamento de Marcuse (1981), filósofo da *Frankfurter Schuler*, será realizada uma reflexão histórico-filosófica sobre esse homem que resistiu à ordem vigente. Os fundamentos que compõe essa cultura de negro africano no Brasil, a saber, a mandinga e as cantigas, serão analisados na tentativa de se apontar a possibilidade de uma autonomia coletiva que se recusa a aceitar a realidade estabelecida. Pergunta-se aqui, por que é possível dizer, a partir da obra *Eros e Civilização*, que a imagem de Besouro provoca a fantasia capaz

<sup>1</sup> A juventude de Besouro se perpetua até hoje com cantigas de discípulos, tal comportamento lembra os gregos em sua contemplação à beleza jovial. Ele é lembrado como um mito olímpiano (VASCONCELOS, 2009), semelhante a um herói homérico, como o grande Aquiles que morre em luta e muito jovem.